

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS/UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS/CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
2025

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA COM AS OBRAS DE
CAROLINA MARIA DE JESUS E FRANÇOISE EGA**

Edihilson Pereira Araújo (Acadêmico)¹

Mônica Xavier de Medeiros (orientadora)²

RESUMO:

Este artigo analisa o uso das obras Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, e Cartas a uma Negra, de Françoise Ega, como recurso pedagógico no ensino de História, a partir das experiências desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Estadual Tomaszinho Meirelles (2025). O estudo tem como objetivo refletir sobre as potencialidades da literatura como fonte histórica na abordagem de temas como desigualdade social, racismo, colonialismo, migração e trabalho doméstico, a partir das narrativas de mulheres negras. Essas fontes contribuem para o desenvolvimento da consciência crítica, da compreensão histórica dos alunos, a literatura possibilita uma abordagem mais humanizada promovendo a valorização das vozes silenciadas, fortalecendo a formação cidadã dos estudantes.

Palavras-chaves: Ensino de História; Mulheres Negras; Literatura; PIBID;

A vida é igual um livro, só depois de ter lido e que sabemos o que encerra, e nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu, a minha até aqui tem sido preta, preta é a minha pele, preta é o lugar aonde eu moro.

(Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo)

¹Edihilson Pereira Araújo. Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Graduando do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins/CESP da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. e-mail: epa.his22@uea.edu.br

² Mônica Xavier de Medeiros. Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Pós-Doutora pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Professora do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: mxdmedeiros@uea.edu.br

[Carolina] nós não falamos o mesmo idioma, é verdade, mas o do nosso coração é o mesmo, e faz bem se encontrar em algum lugar, naquele lugar onde nossas almas se cruzam. Hoje, recuperei a paz de espírito e conversei com você, me sinto descansada.

(Françoise Ega, Cartas a uma negra)

Considerações Iniciais:

Este artigo foi desenvolvido a partir das atividades realizadas durante o Estágio Supervisionado e o PIBID no período de fevereiro à junho de 2025, ambos conduzidos na Escola Estadual Tomaszinho Meirelles, em parceria com o Professor Gilciandro Preste de Andrade e sob a supervisão da Professora Mônica Xavier de Medeiros.

Nesse percurso, foram trabalhados textos fundamentais para a compreensão do feminismo negro³ e das experiências de mulheres marginalizadas, especialmente as Cartas de Carolina Maria de Jesus e o livro Cartas a uma Negra, de Françoise Egá.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) constitui-se como uma oportunidade singular de inserção na prática docente, permitindo ao licenciando vivenciar o cotidiano escolar e ampliar seus conhecimentos pedagógicos. Trata-se de uma experiência de formação profunda, que coloca o aluno-docente diante da realidade da sala de aula e possibilita aplicar saberes construídos ao longo da trajetória universitária. O PIBID materializa essa relação dialética entre teoria e prática ao possibilitar que o futuro professor aprenda enquanto ensina e ensina enquanto aprende.

A Escola Tomaszinho Meirelles, onde desenvolvi tanto o estágio quanto as atividades do PIBID, está localizada na área central da cidade, mas atende majoritariamente estudantes oriundos de bairros periféricos, incluindo alunos indígenas, negros e quilombolas. O corpo docente da instituição destaca-se pela dedicação e pelo compromisso com o desenvolvimento dos alunos. A escola também oferece uma estrutura significativa, com biblioteca, sala de

³ Feminismo Negro é o termo utilizado para designar o movimento teórico, político, social e prático protagonizado por mulheres negras e que busca dar visibilidade às pautas deste grupo. Este movimento vai ao encontro das experiências das mulheres negras e que se traduz em ações e reações às condições de vulnerabilidade de grande parte destas mulheres. Disponível em <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-negro-2/>, acesso em 02/12/2025.

informática, auditório e quadra esportiva, ampliando as possibilidades pedagógicas para além do ambiente de sala de aula.

O Projeto do Pibid tem como Tema Central “**História, Trabalho e Gênero: o ensino de História e a formação para a Democracia e os Direitos Humanos**”, o que exige do professor sensibilidade e responsabilidade ao planejar atividades que dialoguem com a realidade dos estudantes e, ao mesmo tempo, valorizem a reflexão crítica. Trabalhar questões de gênero em sala de aula, especialmente em contextos socialmente desiguais, demanda cuidado, diálogo e postura ética. Como destaca Circe Bittencourt (2004), “o ensino de História deve promover a formação crítica, vinculando o conhecimento histórico às vivências e experiências sociais dos estudantes”. Nesse sentido compreender as desigualdades de gênero e trabalho torna-se parte essencial da prática pedagógica.

Neste artigo abordaremos questões centrais dos livros *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e *Cartas a uma Negra*, de Françoise Egá. Essas obras revelam diferentes perspectivas sobre a experiência de mulheres negras em situações de violência, exploração e resistência. Carolina nos apresenta o cotidiano da favela, marcado pela fome, pela exclusão e pela luta diária pela sobrevivência, enquanto Françoise Egá expõe a realidade do trabalho doméstico, os abusos dos empregadores e a importância da solidariedade entre mulheres negras diante de um sistema que insiste em desumanizá-las.

Este artigo será apresentado em três partes. Na primeira, discutiremos as obras literárias e sua relevância para o ensino de História, destacando a forma como as autoras constroem suas narrativas e os sentidos que elas produzem. Na segunda parte, analisaremos as experiências vividas durante a regência no Estágio/PIBID, refletindo sobre os desafios, as estratégias utilizadas e as aprendizagens decorrentes da utilização dessas fontes em sala de aula. E na terceira parte iremos trabalhar com as cartas que foram produzidas pelos alunos, que através da leitura das obras de Carolina e Françoise, eles produziram suas próprias cartas contando um pouca de sua vida no dia a dia.

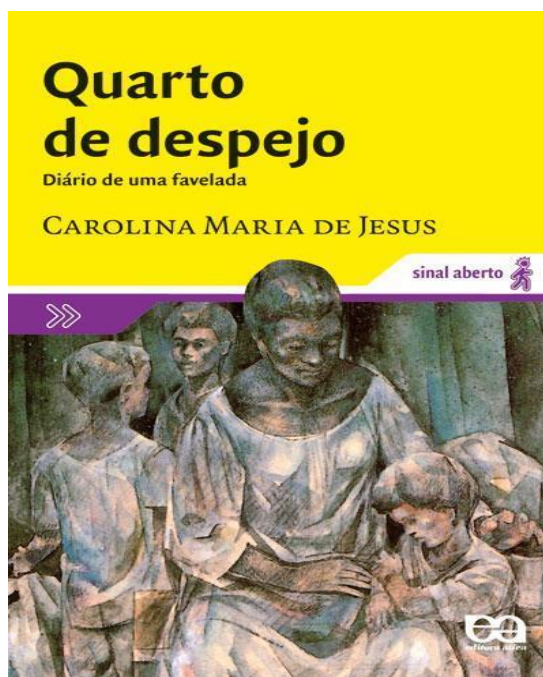
O PIBID e o Estágio proporcionaram não apenas a aplicação de metodologias e conteúdo, mas também o processo de autoconhecimento. As obras de Carolina Maria de Jesus e Françoise Egá mostram que a literatura é um recurso poderoso para compreender as desigualdades e inspirar resistência, capaz de transformar a sala de aula em um espaço de reflexão e diálogo.

1. Apresentação das autoras

Carolina Maria de Jesus (1914-1977), foi uma das escritoras mais importantes da literatura brasileira do século XX, especialmente no que diz respeito às vozes negras, femininas e periféricas. Nascida em Sacramento (MG), filha de pais negros e pobres, descendentes de ex-escravizados, teve pouco acesso à educação formal. Mudou-se para São Paulo no ano de 1930 em busca de trabalho, passou a viver na favela do Canindé⁴, sua vivência na favela era marcada por fome, desigualdade, violência e resistência (Martins, 2004).

Carolina passou a registrar em diário o cotidiano vivido na favela. Em 1958, o jornalista Audálio Dantas foi fazer uma matéria na favela onde teve o prazer de conhecer Carolina e o seu diário onde relatava a desigualdade vivida por ela e por tantos outros favelados, a partir daquele momento as suas anotações se tornaram um livro que transformou a sua experiência de pobreza, de precariedade e resistência em obra literária (Dantas, 1996).

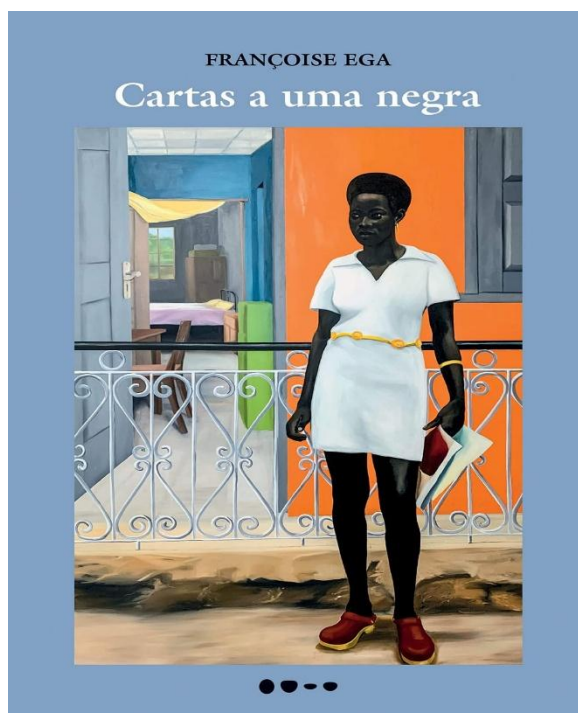
Carolina foi uma das mulheres que rompeu várias barreiras de classe, raça, e gênero, quando publicou o seu livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada em 1960, o seu livro marcou a literatura brasileira, sobre a desigualdade social do país, em seu livro ela denuncia principalmente a fome, a violência urbana, o racismo, a luta pela sobrevivência e a exclusão das mulheres negras.



⁴ A Favela do Canindé começou a se formar por volta da segunda metade da década de 40 do século XX na cidade de São Paulo, às margens do Rio Tietê. Com a construção da Marginal Tietê o local onde ficava a favela acabou sendo afetado (Monteiro, 2019).

O seu livro teve um impacto muito importante chegando a ser traduzido em mais de 15 idiomas, apesar do grande sucesso que o seu livro fez, Carolina não conseguiu estabelecer sua vida financeira, pois na época o Brasil ainda vivenciava profundamente o mundo racista onde vários intelectuais tentaram deslegitimar sua obra por ela ser uma mulher pobre, negra e favelada, passou a viver os seus últimos anos de vida em Parelheiros, zona rural de São Paulo com a família (Perpétuo, 2009). Hoje ela é reconhecida como uma das maiores escritoras, um símbolo da resistência das mulheres negras, passou a ser uma referência para os estudos de gênero, raça, classe e urbanização no Brasil.

Françoise Ega, foi uma escritora martinicana, que produziu a sua obra marcada por críticas sociais, sobretudo ao colonialismo francês⁵ e a desumanização das trabalhadoras negras imigrantes. Em suas cartas, Ega relatou sua experiência como empregada doméstica em Marselha, na qual ela registra episódios de racismo, exploração e o isolamento vivido por mulheres negras caribenhas que migravam para a França. Suas cartas funcionam como um espaço de reflexão e ao mesmo tempo de denuncia na qual evidenciam as violências estruturais e o trabalho doméstico (Verges, 2019).



⁵ O colonialismo francês começou a anexação de territórios ultramarinos (colônias) a partir do século XVI chegando a competir com Portugal, Espanha e Inglaterra, porém com a Revolução Francesa entra em crise e o colonialismo é retomado a partir de 1830, principalmente na África e na Ásia.

Ega viveu as limitações que eram impostas às mulheres negras de origem colonial, os acessos à educação formal eram restritos, como muitas mulheres caribenhas do pós-guerra, ela migrou para a França na década de 1950, em busca de estabilidade econômica, onde foi inserida em um mercado exclusivamente para mulheres negras. Como empregada doméstica em casas de famílias brancas, enfrentou o racismo, humilhações, exploração e o isolamento social.

Essa vivência gerou uma crítica em Ega, que passou a registrar em cartas as injustiças e tensões que testemunhava em seu trabalho. Em sua obra, *Françoise Ega* estabelece um diálogo direto com Carolina Maria de Jesus, como se estivesse se dirigindo à Carolina, transformando a escritora brasileira em sua destinatária imaginária. Esse gesto cria uma ponte entre mulheres negras, unidas por experiências semelhantes de exploração, pobreza, trabalho precarizado e resistência.

Em uma de suas cartas, Ega conta um pouco de sua indignação por uma companheira que veio em busca de melhorias financeiras para mandar para os seus filhos, mas o dinheiro que ganhava trabalhando como doméstica mal dava para se sustentar. Ega descreve:

Carolina, ontem foi a festa da Ascensão. Na igreja do meu bairro, vi uma mocinha da minha raça chorando após a comunhão. Isso me embrulhou o estômago. Queria saber quem era e o que estava fazendo ali, no subúrbio de Marselha, com seu vestido de verão, embora fizesse ainda bastante frio – eu mesma estava com um pulôver grosso. Ela sorriu. Falei do nosso patoá, o que a encheu de confiança. Ela me contou que “pessoas a trouxeram”. Quem fez isso, que “pessoas”? Perguntei, inflamada. “Uma patroa pagou a minha viagem! Preciso reembolsar cento e cinquenta francos por mês. Ganho duzentos e vinte. Sobram setenta para o dia a dia. Tenho dois filhos lá na minha terra, lá eu trabalhava como atendente num bar, não sou casada, sabe como são essas coisas! Eu vim tentar mandar dinheiro para a minha mãe, para criar os meninos, mas tenho que ficar oito meses antes de enviar. Estive na cidade duas vezes e me roubaram setenta francos. O primeiro táxi que peguei fez um longo desvio, o que me custou dez francos! Isso me deprime! Não via a França desse modo! Além disso, olha como eu trabalho! Até as dez da noite! Me levanto às seis da manhã, nem tenho tempo de comer!”

Carolina, meu sangue estava fervendo!

“Como as coisas chegaram a esse ponto? Que tráfico de pessoas é esse! Foi feito um contrato de trabalho? Seu nome está no sistema de seguridade social?”

Esse trecho nos mostra um pouco da exploração que essas mulheres negras, caribenhas sofriam, quando elas migravam para a França acreditando em uma condição de vida melhor, mas eram enganadas tinham salários baixos e os seus direitos eram esquecidos. Podemos ver que as pessoas jovens eram trazidas por outras pessoas que lhes prometiam

trabalhos e ao mesmo tempo elas já vinham com uma dívida, tinham que trabalhar vários meses só para pagar essa dívida.

Esse texto é muito importante para se trabalhar em sala de aula, pois ele nos possibilita discutir a migração, o colonialismo, além do racismo e do trabalho doméstico, a partir das experiências vividas pelas mulheres caribenhas, despertando a empatia e o pensamento crítico dos alunos na qual permite compreender um pouco mais a História através das vozes que foram silenciadas.

2. Possibilidades do uso das obras *Quarto de Despejo* (Carolina Maria de Jesus) e *Cartas a uma Negra* (Françoise Ega) no ensino de história.

A literatura permite ao estudante compreender a complexidade humana e abre espaço para que o aluno acesse “sensibilidades, valores e experiências que os documentos oficiais não registram” como coloca Circe Bittencourt (2005), tornando o estudo Histórico mais interessante.

A literatura pode dar visibilidade às narrativas que foram silenciadas pela história como mulheres, negros, indígenas, e migrantes que dificilmente aparecem nos arquivos oficiais das grandes elites. A literatura funciona como uma forma de expressar as vivências desses grupos de pessoas que sofreram resgatando em forma de escrita todas essas experiências.

Através dessas escritas, Carolina e Françoise materializaram o que Conceição Evaristo chama de “escrevivência” que foram narradas em suas experiências vividas individualmente (Evaristo, 2017). Através delas, a História passa a ser vista com outros olhares, revelando como os comportamentos, valores, conflitos, e o imaginário ajudam a compreender como as autoras interpretavam a realidade histórica. Nos permite viver uma outra visão da história que muitos tentaram apagar.

Ao lermos textos literários, podemos reconhecer como as pessoas interpretavam os acontecimentos, além de ampliar o passado como uma forma de construção social. A literatura pode criar vínculos entre estudantes e os conteúdos que precisam ser ensinados e também funciona como fonte e como objeto de análise, mesmo não apresentando a realidade de forma objetiva. Assim a história e a literatura se complementam sendo que a primeira analisa a criticamente e a segunda representa e simboliza (Bittencourt, 2009).

A literatura não apenas complementa o ensino de História, ela transforma e humaniza o passado recuperando vozes silenciadas, ampliando a compreensão cultural, desenvolvendo o

pensamento crítico e fortalece a formação ética e cidadã, ela permite que o ensino de História cumpra a sua função educativa essencial que é formar sujeitos conscientes, capazes de ler criticamente o mundo e de reconhecer a profundidade e a complexidade das experiências humanas, permitindo que cada estudante compreenda o mundo para transformá-lo.

As obras de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega possuem um valor singular para o ensino de História, elas rompem com as narrativas tradicionais e colocam mulheres negras, pobres, trabalhadoras e migrantes como protagonistas de suas próprias experiências históricas. Em um campo frequentemente marcado pela centralidade de fontes oficiais, estatais e produzidas por elites, seus escritos introduzem vozes que historicamente foram silenciadas, elas ampliam o repertório documental e metodológico, permitindo aos estudantes compreender processos sociais e históricos. Nesse sentido, dialogam com a reflexão de Circe Bittencourt (2009), ao defender que o ensino de História deve incorporar fontes diversificadas e não tradicionais, favorecendo uma compreensão crítica do passado (Pensavento, 2003).

Separaremos em tópicos temáticos as possibilidades de uso das obras literárias estudadas:

a) Carolina de Jesus e o contexto da urbanização:

Carolina expressa com força a realidade da fome e da exclusão, “a fome é a companheira constante dos que habitam a favela” (Carolina de Jesus) esse relato permite discutir em sala de aula, como o processo de urbanização brasileiro convivia com contradições profundas entre modernização e miséria. Ao trazer para a sala de aula essa visão de Carolina, o ensino de História deixa de tratar a favela apenas como um problema social e passa a entendê-la como um espaço de produção de saber, cultura e resistência.

Antigamente eu cantava. Agora deixei de cantar, porque a alegria afastou-se para dar lugar a tristeza que envelhece o coração. Todos os dias aparece um pobre coitado aqui na favela, encosta num parente e vão vivendo. O Ireno é um coitado que está com anemia. Procura a esposa. A esposa não lhe quer. (...) Ele disse-me que a sua sogra instiga a esposa contra ele. Agora ele está na casa de um irmão. Ele foi passar uns dias na casa da irmã. Retornou-se. Disse-me que lhe jogavam indiretas por causa da comida. (Carolina, 4 de janeiro)

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava sem condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita

e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha (Carolina, 21 de maio)

Carolina se sente preocupada com tudo o que está acontecendo na favela, e como a cada dia está ficando mais difícil para todos, além da fome e da desigualdade, ainda vem o abandono por parte da família, da esposa que deixa o marido e das brigas que se tem todos os dias na favela, que inclusive acabam em pancadaria. Viver um sonho cheio de riqueza é muito maravilhoso, você pode realizar tudo o que sempre quis, comer o que sempre teve vontade e viver realmente o luxo que sempre quis, mas ao acordar, lembramos que nem tudo na vida é como nós queremos e sonhamos. Carolina nos mostra uma realidade que ela vive no seu dia a dia, como forma de alerta, onde devemos olhar mais para os próximos e ajudar a mudar essa realidade em que vivemos cercados por pessoas hipócritas e que se acham acima de todos.

b) Carolina de Jesus e Françoise Ega e a Interseccionalidade:

Por interseccionalidade, entendemos:

Em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e atuam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (Bilge; Collins, 2021)

As autoras além de chamar atenção para o cruzamento das opressões de gênero, raça e classe ainda colocam que outros marcadores sociais também podem interagir resultando em diferentes formas de opressão como a orientação sexual, a capacidade, a etnia, a idade, a nacionalidade, entre outras.

Nesse sentido, as cartas de Carolina nos ajudam a refletir quando ela fala da sua condição de pobre e de ser uma mulher negra, “O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles” (Carolina de Jesus), evidenciando a consciência de sua condição social e racial, sem que isso anule a sua dignidade e humanidade:

Ela entrou. Uma loira muito bonita. Disse-me que havia lido a reportagem no *O Cruzeiro* e queria levar-me no *Diário* para conseguir auxílio. Na redação, eu fiquei emocionada. (...) O senhor Antônio fica no terceiro andar, na sala do Dr. Assis Chatobriand. Ele deu-me revista para eu ler. Depois foi buscar uma

refeição para mim. Bife, batatas e saladas. Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita do que o sonho. Depois fomos na redação e fotografaram-me. (...) prometeram-me que eu vou sair no *Diário da Noite* amanhã. Eu estou tão alegre! Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando. (Carolina, 11 de junho)

Carolina expressa a sua gratidão pelo reconhecimento e fica feliz por ver que a sua história foi vista por várias pessoas além da favela. Por algum instante a sua vida mudou completamente, sem acreditar que aquelas cartas que ela escrevia como um desabafo, se tornou inspiração para outros.

Agora passou de todos os limites! A jovem da minha terra ainda está aos prantos. Domingo, fui vê-la, fazia tempo que ela parecia me evitar, eu tinha que tirar isso a limpo! Subi a ladeira que leva ao casarão dos “seus senhores”. Acabei por encontra-la numa horta de alfaces, o joelho enfaixado com atadura. Chamei: Yolande! O que a senhora está fazendo aí? Nunca a tratei por “você” porque queria conscientizá-la de quem ela era. Na casa onde trabalha, todo mundo fala com ela por meio de gírias e a trata por “você”, até a menina de sete anos, até a avó velhinha. Yolande, hoje, domingo, o que a senhora está fazendo aí com essa enxada? “Estou doente, tenho reumatismo no joelho, todos foram para o campo. E quem cuida da senhora então?” Ninguém. Comprei uma pomada na farmácia. “A patroa disse que ainda não tenho direito ao sistema de saúde, e não é com os setenta francos que ganho por mês que vou conseguir pagar um médico”. Peguei a enxada das mãos de Yolande e perguntei: Por que está fazendo isso, já que tem um problema no joelho? “A patroa disse que sou uma empregada faz-tudo! Cuido até da horta!” Yolande, por que não vem mais nos visitar? “A patroa disse que, depois que comecei a ver a senhora, fiquei mais exigente; que foi a senhora quem me fez perguntar a ela como pensava aquecer o meu quarto perto da garagem no inverno! Não tem a ver com a senhora, mas lá está fazendo frio agora, imagina no inverno!” A patroa disse...a patroa disse! Pois é, ela continuará dizendo. Em primeiro lugar, a senhora vai consultar um médico; em segundo lugar, irei falar com ela; por fim, é preciso acordar! A senhora não é obrigada a ficar aqui porque alguém lhe pagou a viagem! Mas o que eu vou fazer? A senhora irá a uma agência de emprego, e a agência encontrará algo. Se quiser voltar a trabalhar, exija ser regularizada para ter direito à seguridade social. (Ega, 24 de junho de 1962)

Ega mostra toda a sua indignação com a forma como a sua amiga está sendo maltratada pelos seus patrões, e a forma de como eles a tratam como uma trabalhadora sem direitos, que tem que fazer tudo desde a limpeza da casa, até os trabalhos mais árduos fora da casa, como cuidar das hortas. Sem direito a médico e sem ter o apoio que deveria ter de uma agência de trabalho.

Ela critica a forma de como os patrões de sua amiga a trata como se ela não estivesse direito nenhum, humilhação todo dia, mas o que mais causa indignação à Ega é como ela se

sujeita a trabalhar doente sem procurar ajuda médica, só porque a sua patroa lhe disse que ela ainda não tem esse direito.

c) Françoise Ega, migração e desvalorização do trabalho doméstico:

Françoise, ao registrar a sua experiência como uma mulher negra e caribenha relata em um trecho de seus livros uma frase marcante “somos tratadas como se fossemos invisíveis, como se nosso trabalho não tivesse valor” (Ega, 2021). Podemos ver que ela está relatando a desvalorização do trabalho das migrantes.

Esse trecho nos permite discutir em sala de aula o processo migratório de mulheres para Europa, o papel do colonialismo francês e a herança colonial nas relações de trabalho. O trabalho doméstico apareceu como uma continuidade das hierarquias coloniais, nas quais mulheres negras ocupavam postos desvalorizados e invisibilizados (Verges, 2019).

Em outro momento, Ega escreve:

De fato, há muitas moças que “são trazidas” para Marselha. Deixam as ilhas sonhando com um destino melhor. Eu as vejo, e é sempre igual, são compradas por um tempo determinado, ou quase isso. As patroas fazem como todas as suas amigas bastadas, têm uma empregada antilhana, mais flexível e mais isolada que a empregada espanhola de outrora. Nessa loteria, há quem tire a sorte grande e vá parar na casa de pessoas cheias de dignidade e humanidade. Há outras, e são a maioria, que se dobram ao jugo. Está aqui me conta tudo, sob pena de sanção, é forçada a limpar as roupas íntimas da dona da casa. Outra come de pé. Outra é levada a um chalé na montanha e obrigada a buscar água na fonte, a qual encontra apenas depois de remover a neve com picareta. Meu marido resmungou: eu deveria ter ficado em casa. “Por que engrossar as fileiras desse gado humano?”, ele disse. É bem simples: nunca poderei falar sobre isso com conhecimento de causa se não souber do que se trata.

Foi assim que voltei aos gestos ancestrais, Carolina, somos do mesmo calibre, e o trabalho não me assusta. Para me animar, na ida para o serviço, me dou ao luxo de comprar café. Custa somente quarenta centavos. Para ganhar quarenta centavos, preciso dar duro por doze minutos. Em doze minutos, lavo um monte de louça! Como é gostoso o café batalhado! E como são infelizes aquelas cujas vidas são reduzidas a esse cálculo. Quem tem dinheiro em abundância não pensa nisso. As que, como eu e você, não conhecem nada além de um futuro incerto, mas que são livres, que tem a possibilidade de se rebelar, de recusar a condição de escrava, são abençoadas. Como tenho pena das pobres meninas a quem se diz: “Fique à vontade para tomar café o quanto quiser depois de acabar o serviço”.

Diante dessas desgraças, sou invadida por um imenso desgosto”. (Ega, 2 de junho de 1962)

Françoise ao escrever sobre a experiência das mulheres negras caribenhas que migraram para trabalhar como domésticas na metrópole francesa, contribui para discussões

sobre o colonialismo, migração, raça, trabalho doméstico e desumanização nas relações de classe e cor, permitindo que os estudantes compreendam as continuidades entre colonialismo e racismo, além de mostrar como a mulher africana vive essas experiências em várias partes do mundo.

Em outro trecho ela evidencia as relações de poder e a desumanização enfrentadas por elas: “aqui, na metrópole, descobri que a cor da minha pele chega antes de mim”, nesse testemunho ajuda os estudantes a compreenderem como o racismo opera na vida cotidiana, como estrutura social que define acessos, oportunidades e pertencimentos.

Essa discussão permite que o ensino de História possa ir além dos eventos políticos e econômicos, incorporando dimensões subjetivas da experiência histórica, como sentimentos de exclusão e humilhação.

Mas sou faxineira. Carolina, ando de um lado para o outro entre o fedor das meias, da cera de assoalho e dos produtos para remover odores; entre livros que nem sequer teremos tempo para ler e meninas que desconhecem as piscinas públicas e as caminhadas.

Ao chegar em casa ainda sob o impacto da falta de ventilação, digo às crianças: “Vamos, depressa, respirem”, e abro minha casa para que o sol entre por todos os lados. O mais penoso para uma faxineira, eu acho, é o cheiro da vida dos outros. Apesar do cansaço, aproveito o sol, perto de uma janela, depois de ter cozinhado para a família, e penso em você. Consigo vê-la, um lenço prendendo os cabelos, pregando as tábuas do seu barraco, e fico motivada. As crianças continuam a surrupiar meus lápis, mas o livro está avançando (Françoise Egas, Pentecostes, 1962).

Françoise critica o modo de vida como os ricos vivem explorando outros, diferente da sua que é bem prazerosa, vive em um ambiente aconchegado e arejado, casa limpa e cheirosa, janelas abertas para o sol adentrar em sua residência. Na casa onde ela trabalha de faxineira sua patroa não gosta que se abra a janela da casa, a pior parte do trabalho de Françoise como faxineira é ver a casa bagunçada, meias jogadas pela casa e com aquele odor horrível que se aglomera ali dentro, pois o trabalho se torna mais cansativo. Ao final, tudo isso se passa quando ela sai do trabalho e caminha sobre as árvores para sentir aquele cheiro maravilhoso da natureza e isso lhe conforta.

3. Trabalhando as cartas em sala de aula

Nesse tópico iremos descrever como foi a experiência ao trabalhar as obras de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega em sala de aula com os alunos do 3º ano 1 da Escola Estadual Tomaszinho Meirelles. No começo tivemos algumas dificuldades em como nós⁶ iríamos trabalhar essas obras no ensino de história, e qual seria a importância de estar usando-as como uma atividade. Então optamos em levar essas obras e mostrar para os alunos a história dessas autoras e mostrar algumas cartas para eles, como forma de valorizar e enriquecer ainda mais essas obras.

Primeiramente, iniciamos fazendo uma breve explicação sobre a biografia das autoras. Ressaltamos como Carolina Maria de Jesus se tornou importante para a literatura brasileira e país afora, e como os seus livros passaram a ser reescritos em vários outros idiomas. Contamos também como elas se conectaram através da escrita. Carolina de Jesus conta um pouco da sua vida, e como ela foi parar dentro da favela do Canindé, e como ela via de uma forma diferente, enquanto Françoise Ega, conta um pouco da sua vida como uma doméstica que era tratada como uma pessoa invisível por ser negra.

Durante a apresentação das autoras, ocorreu um pequeno erro em nossa apresentação, na qual tivemos que ter uma segunda apresentação em outra data. Na primeira parte da Regência começamos fazendo a apresentação da Françoise Ega foi onde cometemos o primeiro erro, pois deveríamos ter começado com Carolina Maria de Jesus, afinal Françoise ao ler as obras de Carolina, passou a se interessar mais e viu como elas se conectavam e passou a escrever também as suas rotinas do dia-dia e como ela era vista em seu local de trabalho, sofrendo o racismo e a humilhação por ser uma mulher negra e caribenha.

Nesse primeiro momento não mostramos as cartas para os alunos pois devido ter ocorrido esse pequeno erro na qual foi corrigido para a próxima regência. Na segunda regência depois do erro corrigido mostramos as cartas para os alunos na qual foi lida algumas delas e feito um comentário de como as autoras expressavam as suas indignações através delas e como elas criticavam a falta de humanidade nas pessoas além de sofrerem com o racismo. No final da apresentação pedimos para que os alunos escrevessem uma carta como se fosse para uma das autoras, contando um pouco da sua vida pessoal.

Nessas cartas em que os alunos descrevem suas Histórias atribuiremos nomes fictícios para preservar as identidades dos mesmos:

Querida Carolina, eu moro na comunidade do Parananema. Hoje eu acordei às oito da manhã. Levantei devagar, tomei meu café, arrumei a casa. Depois sentei pra fazer alguns trabalhos da escola. Carolina, sei que a senhora lutou

⁶ Acadêmicos do curso de Licenciatura em História; Edihilson Pereira Araújo; e Naymi da Silva Lima

muito pra ter papel, pra ter tinta pra escrever à luz de vela. Eu tenho caderno, caneta e luz elétrica. Posso escrever sem medo de rasgar a última folha. Isso é conquista sua, e de tantas outras que vieram antes. Enquanto estava lendo suas cartas, fiquei imaginando como sua rotina era cansativa, como era viver na favela do Canindé, com filhos pra cuidar, com a fome batendo na porta e ainda assim encontrar força pra escrever. A senhora não tinha luxo, mas tinha coragem. Daqui a pouco Carolina, vou me arrumar pra escola. Pego o ônibus as onze e cinquenta. No caminho vejo as pessoas almoçando, crianças indo ou voltando da escola. A vida vai acontecendo ao nosso redor no ritmo de cada um. Volto pra casa às seis da tarde, me sinto feliz, pois, gosto de estar lá, converso com amigos, aprender a cada dia. A viagem de volta no ônibus é sempre mais longa. Venho olhando pela janela, sentindo o corpo pedir descanso. A preguiça bate, o dia foi cheio, mais também foi bom. A senhora escreveu sobre fome, luta e dignidade. Hoje, onde eu moro, as crianças vão para a escola, a fome já não é tão grande assim, e o bairro é mais calmo. Ainda existe pobreza, ainda há desigualdade, mas eu consigo estudar, escrever essa carta com luz, papel, com tranquilidade. Escrevo pra te dizer Carolina que sua voz não foi em vão, suas cartas e histórias contada chegaram até mim. (Parintins, junho de 2025)

Em sua carta Maria faz uma comparação de sua vida com a de Carolina na qual ela reconhece o quanto Carolina sofreu com a desigualdade racial e econômica. Podemos notar que na sua escrita, ela cita um ponto importante onde ela fala que tem luz elétrica em sua casa, comparando a diferença entre ela e Carolina que escrevia a luz de vela. Carolina viveu em uma época em que os pobres tinham menos acesso à políticas públicas, como Carolina mesmo cita em suas cartas que os pobres eram tratados como lixo e por isso moravam nas favelas, onde à chamavam de lixão, e não tinham apoio algum por partes dos políticos que governavam na época. Seus acessos eram negados em qualquer lugar. Maria em sua carta diz que hoje ela tem acesso à escola pública e que também tem luz elétrica em sua casa,

Hoje os pobres já tem uma vida mais digna para sobreviver, alguns ganham “benefício social/ programas de transferência de renda” como o Bolsa-Família⁷ e o auxílio estadual⁸, como alguns projetos que foram implantados para tentar acabar com as desigualdades que existiam na década de 1960.

Querida Carolina, ao ler suas palavras sobre a fome e a dignidade, senti que você escreveu também sobre mim. Sua escrita tem uma força que arrasta tudo o que encontra, a dor, a beleza, a fome, a injustiça, e a dignidade. É como se cada linha que você escreve fosse uma ferida aberta e, ao mesmo tempo, um gesto de cura. Fico pensando na solidão que você carrega enquanto escreve à luz de vela, contrariando as vezes quem tenta lhe calar. Imagino a coragem que é preciso ter para seguir escrevendo mesmo quando tudo e todos ao redor

⁷ O **Programa Bolsa Família** é um programa social brasileiro de transferência direta de renda com condicionalidades, que teve origem a partir da unificação de programas anteriores, sendo criado em 2003 pelo governo federal.

⁸ O programa Auxílio Estadual foi criado pelo **governador Wilson Lima** e implementado pelo Governo do Estado do Amazonas para auxiliar famílias em situação de vulnerabilidade social.

dizem que não vale apenas, mas vale. Vale muito, suas palavras têm a potência de registrar o que muitos não querem ver: a realidade crua, mas viva da favela, das mães, das crianças e dos esquecidos. Seus relatos sobre a volta das crianças à escola, a patroa que prometia e não cumpria, tudo isso me fez refletir sobre como o mundo insiste em cobrar da mulher negra silêncio, resignação. Mas você não se cala, e isso me ensina, sua presença nesse papel é um ato de resistência e memória viva (Parintins, junho de 2025).

Joana por sua vez vê um pouco da sua vida na escrita de Carolina, não que seja realmente a sua vida mais uma parte dela que foi vivida da mesma forma de como Carolina viveu na favela. Ela se solidariza com a forma que Carolina viveu dentro da favela sofrendo racismo e vivendo na humilhação, além da fome. Em algum momento Joana cita o que a maioria da população não quer enxergar que é a realidade da falta de valorização por parte dos governos com as pessoas que vivem nas áreas periféricas, e que não têm acesso a vários lugares.

Querida Carolina, recentemente ouvir falar de você, conheci a sua história, seus grandes desafios na vida, porém o que me encantou muito foi saber que você foi uma mulher de coragem e muito talento. Fico feliz que você tenha inspirado tantas outras mulheres por aí. Gostaria de ter te conhecido, aposto que depois de uma curta conversa com você me tornaria muito mais, sabia? Minha vida não é tão interessante como a sua, mas eu gostaria de fazer alguns relatos sobre ela pra você. Primeiramente estou no último ano do ensino médio. Isso é super empolgante e ao mesmo tempo muito assustador, são tantas escolhas, tantos caminhos e decisões que precisam ser tomadas e escolhas que precisam ser feitas. Na infância eu ansiava em crescer logo e me torna uma adulta, poder tomar minhas próprias decisões, ter meus problemas, mas resolve-los do meu jeito. Mas agora jovem, eu vejo que não é tão simples assim. Ser jovem é complicado, por isso eu fico só pensando em como será minha vida adulta, mas como eu já disse antes, só a ideia de ser adulta me assusta. Você gosta de ser adulta, Carolina? Imagino que sim, mas também gostaria se fosse eu, uma adulta tão incrível, forte e corajosa como você. Enfim são só relatos de uma jovem de 17 anos. Espero que eu não me perca no meio do caminho, com os desafios e os medos do tempo da adolescência. Por fim, meu desejo maior é que eu não resuma minha vida apenas em medos, mas também em esperanças e sonhos, assim como você fez. Espero que você entenda meus sentimentos e se simpatize com eles (Parintins, junho de 2025)

Ana reforça o quão guerreira Carolina foi por conseguir enfrentar os desafios da vida até o seu reconhecimento, passando por muitas dificuldades, ela também fala do desejo de ser adulta para tentar resolver os seus próprios problemas, mas também tem medo do que ela pode enfrentar em sua vida adulta como dificuldades parecidas com as de Carolina. A ideia de ser adulta parece ser um pouco complicada para a Ana, às vezes temos que ser firmes diante de tantas coisas que passamos e ao mesmo tempo temos que ser fortes para combater e lutar contra essa desigualdade que ainda nos assombra durante séculos, além do racismo que ainda tenta nos rebaixar principalmente por pessoas com uma vida mais estruturada. Ana tem medo do que

pode acontecer em sua vida adulta, por ter que fazer escolhas que lhe faça se arrepender mais tarde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas autoras são essenciais para o ensino de História pois representam a experiência concreta de mulheres negras que vivenciaram diretamente os efeitos do racismo, do machismo, da precarização do trabalho e da desigualdade social, tanto no Brasil quanto no Caribe e na Europa. Trabalhar com a obra de Carolina de Jesus e Françoise Ega, em sala de aula, significa fazer com que os estudantes entrem em contato com o cotidiano que raramente aparecem nos livros didáticos permitindo compreender a História de baixo para cima.

Ao aproximar o conteúdo histórico das vivências dos estudantes, onde muitos deles são marcados por essa desigualdade. A Escola Tomaszinho Meirelles é uma escola que tem essa relação com os alunos de não aceitar essa discriminação de gênero e classe. Essas obras de ambas as autoras também fortalecem a identidade e a capacidade da análise histórica. Carolina e Françoise não apenas complementam o ensino de História, elas transformam a perspectiva, tornando-o mais diversos, inclusive na pluralidade das experiências humanas.

As obras de Carolina e Françoise funcionam como um espelho que permite o aluno perceber que a história não é feita apenas pelos livros didáticos, mas também pelas trajetórias individuais e coletivas daqueles que por muito tempo foram silenciados. Essas narrativas de Carolina e Ega rompem o distanciamento entre os estudantes, permitindo que eles reconheçam nas escritas elementos que dialogam com as suas próprias realidades.

Referências:

AZEVEDO, Veruscka Soares de. **Ensino de História e currículo em tempos torpes**: leitura e reflexões. Uberlândia/ Minas Gerais, Navegando Publicações. 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BLOGS UNICAMP. **Feminismo negro**. Mulheres na filosofia. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-negro-2/>.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Identidade nacional e ensino de História no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CAROLINA MARIA de JESUS: **Quarto de despejo**; Diário de uma favelada. São Paulo: Editora África, 2014.

DANTAS, Audálio. **Carolina**: uma biografia. São Paulo: Editora Globo, 1996.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**. Tradução Maria de Souza. São Paulo: Todavia, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: a escrita de nós. Belo Horizonte: kitembo, 2017.

FRANÇOISE EGA: **Cartas a uma negra**. Narrativas antilhana. São Paulo: Todavia, 2021.

MARTINS, José de Souza. **A Sociologia de uma favelada**: Carolina Maria de Jesus e o mito da marginalidade. São Paulo, 2004.

MONTEIRO, Isadora Carraro Tavares. **Narrativas cartográficas**: Espaço e literatura de autoria feminina na América Latina. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG. 2019.

MEIHY, José' Carlos Sebe Bom. **Acolher a exclusão**: história oral e vida de mulheres faveladas. São Paulo: Loyola, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura**: interfaces e possibilidades. São Paulo: Contexto, 2003.

PERPÉTUO, Regina. **Carolina Maria de Jesus**: o Quarto de Despejo e a construção de uma escritora. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2019.